

Esportes de aventura e mídia televisiva: uma revisão integrativa da literatura*Adventure sports and television media: an integrative literature review*

Marcelo Faria PORRETTI¹
Heloísa Suzano de ALMEIDA²
Tainah de PAULA³
Monique Ribeiro de ASSIS⁴

Resumo

O objetivo deste artigo foi entender o esporte de aventura no contexto midiático televisivo, no esforço de responder aos seguintes questionamentos: os esportes de aventura realmente receberam influência da mídia na sua prática? Como se deu essa relação ao longo das últimas três décadas? A metodologia utilizada foi qualitativa com a realização de uma revisão integrativa de literatura. Os resultados apontaram 23 estudos que tratavam de esportes de aventura e mídia televisiva, em que, organizamos sete categorias para a discussão “estudos históricos, polissemia do termo, aspectos sociais, segmentação da mídia, mercantilização, glorificação do risco e estudos educacionais.” A contextualização teórica e prática da mídia televisiva e dos esportes de aventura nos diferentes contextos sociais, culturais e políticos nos permitiu identificar o caminho até aqui percorrido.

Palavras-chave: Mídia. Esportes de aventura. Tecnologia.

Abstract

The objective was to understand adventure sports in the context of television media, in an effort to answer the following questions: did adventure sports really receive influence from the media in its practice? How did this relationship take place over the past three decades? The methodology used was qualitative with an integrative literature review. The results showed 23 studies that dealt with adventure sports and television media, in which we organized seven categories for the discussion “historical studies, polysemy of the term, social aspects, media segmentation, commercialization, glorification of risk

¹ Doutorando em Ciências do Exercício e do Esporte na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCEE-UERJ). Professor no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca campus Petrópolis (CEFET/RJ). E-mail: marcelo.porretti@cefet-rj.br

² Professor Mestre da Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro. E-mail: helosuzano@gmail.com

³ Doutora e Pesquisadora no Centro de Apoio à Pesquisa no Complexo de Saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAPCS-UERJ). E-mail: tainah.ef@gmail.com

⁴ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCEE-UERJ). E-mail: monique_assis@uol.com.br

and educational studies.” The theoretical and practical contextualization of television media and adventure sports in different social, cultural and political contexts has allowed us to identify the path taken so far.

Keywords: Media. Adventure sports. Technology.

Introdução

O desenvolvimento de uma imagem em que a prática de atividade física pode ser uma eficiente aliada na melhoria da qualidade de vida das pessoas vem sendo desenvolvida na sociedade, mostrando-se na maioria das vezes por um delineamento biológico. Entretanto, existe um conjunto de fatores envolvendo aspectos biopsicossociais e culturais que desencadeiam os modos de vida, levando o indivíduo a gozar de boa saúde (SANTOS; SIMÕES, 2012). O lazer, o ambiente de trabalho ou estudo, os hábitos, a autoestima, a alimentação, dentre outros, são mecanismos utilizados por todos nós, resultando na interação do ser humano com o seu entorno, podendo afetar diretamente a sua qualidade de vida (SANTOS; SIMÕES, 2012; MUROS *et al*, 2017).

Nesse sentido o meio ambiente pode se apresentar como um fator de interação para melhoria na qualidade de vida e também como espaço para práticas de atividades físicas. Li *et al* (2011) e Bruhns (2009) relataram sobre os benefícios que as práticas de atividades físicas na natureza podem proporcionar, como por exemplo, melhoria da coordenação motora, da força, da concentração, da atenção e do raciocínio, em que diretamente relacionam-se com as atividades diárias dos seres humanos.

A aventura veio a compor a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é apresentada com subdivisões nos anos escolares de estudo em práticas corporais de aventura urbanas e práticas corporais de aventura na natureza (BRASIL, 2018). Como afirmam Porretti *et al* (2020), as atividades físicas na natureza desenvolvidas no âmbito escolar de forma interdisciplinar e pedagógica podem proporcionar o autoconhecimento, desenvolver companheirismo e relações interpessoais, bem como auxiliar na melhora da autoestima, em que o debate com a melhoria na qualidade de vida se faz presente.

Os diálogos entre os esportes de aventura, sujeitos e mídia, constituem tensionamentos constantes que ocupam uma posição em busca da ação. Abarcando a comunicação com o telespectador, Habermas (1988) fala que a mídia busca um sujeito

que deseja receber a informação, em uma relação dialética. Bourdieu (1990) descreve que a ação que cada indivíduo realiza no mundo pode gerar o desenvolvimento de um novo habitus. A necessidade de indivíduos reconsiderarem valores e atitudes implica na relação de comunicação e interações interpessoais, entretanto, Elias e Dunning (1992), Rose (2011), alertam que cada indivíduo é responsável pelo controle de suas ações e emoções.

Em contrapartida, o dinamismo dos meios de comunicação, aparecem como mecanismos de divulgação e propagação das práticas de atividades de aventura, atingindo, por vezes, o imaginário dos praticantes, através da apresentação de lugares extremos e remotos, os quais margeiam contextos frequentemente inatingíveis para muitos dos telespectadores que apreciam as imagens (RECH; FONSECA, 2019; PEREIRA, 2019; GONÇALVES JUNIOR, 2006; COSTA, 2000). No que diz respeito às mídias televisivas pode-se observar a criação de canais específicos para esta demanda, com programação vinte e quatro horas, como o Canal OFF do grupo Globo.

Embora seja inegável o crescimento dessa divulgação, nosso objetivo neste trabalho é procurar entender o fenômeno esporte de aventura no contexto midiático televisivo, no esforço de responder aos seguintes questionamentos: os esportes de aventura realmente receberam influência da mídia na sua prática? Como se deu essa relação ao longo das últimas três décadas? Importante relatar que este recorte temporal sinaliza o início de pesquisas científicas efetivamente realizadas na área dos esportes de aventura pela educação física brasileira, bem como o surgimento da mídia por canais de assinatura no Brasil (BETTI, 1999). Para fins deste estudo iremos trabalhar com o termo esportes de aventura, levando em consideração que este termo é um dos mais utilizados pela mídia.

1 Percorso metodológico

A fim de responder as questões levantadas acima, foi realizada uma revisão integrativa abordando a temática mídia televisiva e o esporte de aventura. Este modelo foi escolhido, pois permite maior flexibilização e junção de métodos, podendo ser incluídos estudos experimentais e não experimentais, ampliando as perspectivas teóricas sobre o assunto abordado no presente estudo (GOMES; CAMINHA, 2014).

A revisão integrativa foi realizada seguindo as fases descritas por Souza, Silva, Carvalho (2010), a dizer: I) elaboração da pergunta norteadora que determinou os estudos a serem incluídos e identificação do tema; II) busca na literatura com delimitação de palavras-chave, estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão, definição de bases de dados utilizadas na pesquisa e aplicação dos critérios de elegibilidade para a seleção dos artigos; III) coleta de dados, identificação e avaliação dos artigos válidos para esta narrativa, leitura de títulos e resumos dos estudos selecionados; IV) análise dos estudos incluídos, onde categorizamos os dados através de um quadro síntese; V) discussão dos resultados a partir da análise dos artigos; VI) apresentação com síntese do conhecimento levantado.

1.1 Fontes de pesquisa e estratégia de busca

A pesquisa foi realizada nas bases de dados Medline (via Pubmed), LILACS (via BVS/regional), EMBASE, CINAHL, SPORTdiscus e SCIELO. Os estudos foram incluídos de 1990 (considerando Betti (1999) que narra como uma década de início de pesquisas científicas acadêmicas na área dos esportes de aventura e o surgimento da mídia por canais de assinatura no Brasil) até o mês de outubro de 2019.

A estratégia de busca foi composta pelos descritores controlados e não controlados correspondentes a cada base, relacionados ao tema mídia e esportes de aventura/extremos/radical, em adição à utilização dos filtros temporais (últimos 30 anos) e de idioma (português, inglês ou espanhol). Consideramos os Descritores em Ciências da Saúde (DeSC).

Por fim, também foi utilizada a literatura cinzenta no intuito de garantir uma busca abrangente da literatura. Foram considerados como fontes os anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) de 1995 até 2019, considerando o início do grupo temático comunicação e mídia. Os anais do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) todos os anais do evento, de 2006 a 2018, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Centro Esportivo Virtual (CEV). As buscas foram realizadas considerando os mesmos termos (mídia e esportes de aventura/extremos/radical).

1.2 Seleção dos estudos e extração dos dados

Os estudos selecionados a partir das pesquisas nas bases de dados foram exportados através do *software EndNote*, já os trabalhos da literatura cinzenta foram adicionados a uma planilha de Excel. A triagem dos estudos foi realizada de maneira padronizada por dois pesquisadores independentes (M. Porretti e H. Almeida). No caso de discordância entre os pesquisadores, foi decidido incluir ou não o estudo na revisão, através de consenso entre eles analisando as dúvidas, não necessitando de um terceiro avaliador, fato que ocorreu somente em uma referência.

Os artigos potenciais foram selecionados para inclusão na revisão por dois métodos: 1) leitura de título e resumo pela técnica de *scanning*, que consiste na leitura objetiva em busca de informações específicas (NUTTALL, 1982); e 2) revisão do texto completo após os estudos terem sido selecionados na etapa anterior, nesta fase executou-se fichamentos, análise e interpretação dos textos apoiados em Lakatos e Marconi (2010).

Também realizamos uma pesquisa manual nas listas de referência de todos os artigos incluídos. Somente foram considerados para revisão, os estudos que exploravam as mídias televisivas e os esportes radicais/aventura/extremos, e publicados a partir do ano de 1990. Os seguintes tipos de estudos foram excluídos: 1) Artigos que não tratavam de esportes de aventura; 2) Artigos que não tratavam de mídia televisiva.

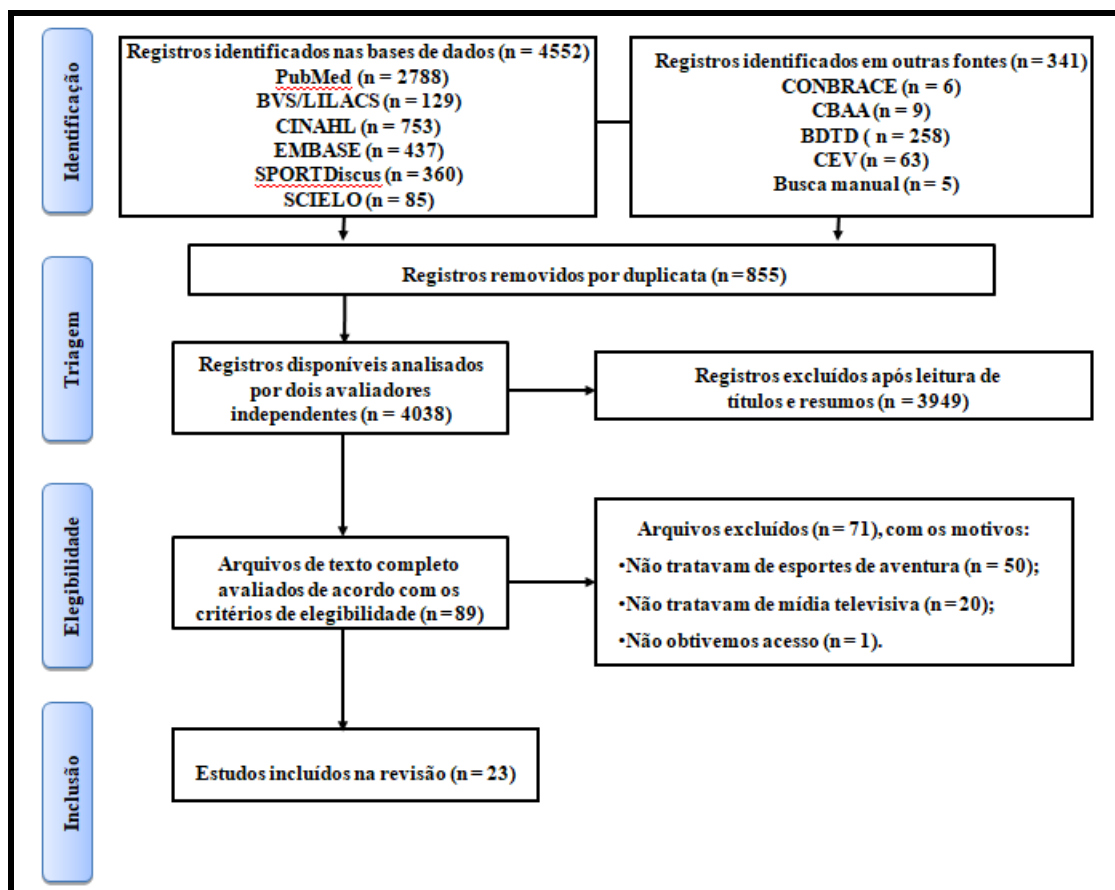
Os dados extraídos foram organizados em um quadro síntese contendo as informações sobre o ano e país de publicação, título do estudo, nome dos autores, características dos estudos e suas principais conclusões relevantes à temática estudada.

2 Resultados

A figura um (1) abaixo exhibe o fluxograma de quatro fases, seguindo orientações do PRISMA (Moher *et al*, 2009), o qual se destina a melhorar o relato das revisões que avaliam os estudos. Foram identificados 4893 estudos, considerando todas as bases de dados incluídas, bem como a literatura cinzenta. Após a remoção das duplicatas e da leitura de títulos e resumos dos estudos selecionados, 89 estudos foram considerados

elegíveis para a leitura do documento na íntegra. Ao final, 23 estudos foram incluídos na revisão.

Quadro 1 – Distribuição das referências bibliográficas obtidas nas bases de dados, segundo as palavras-chave.



Fonte: próprios autores, 2020.

A tabela um (1) a seguir, apresenta informações extraídas de cada estudo que foi incluído na revisão. Dos vinte e três estudos incluídos na revisão, quatro foram publicados na Inglaterra, um na Suíça, sete nos Estados Unidos e onze no Brasil (sendo treze destes oriundos da busca na literatura cinzenta).

As publicações selecionadas utilizaram diferentes delineamentos de pesquisa, como por exemplo, estudos de caso, revisão sistemática com ou sem metanálise, estudos qualitativos e descritivos, relato de experiência, estudo correlacional, teses e dissertação qualitativa. A coleta de dados dos trabalhos levantados ocorreu de diversas fontes: entrevistas, questionários, fontes históricas, discussão teórico-metodológica, análise teórico-conceitual, análise de programações midiáticas e experiências didático-

pedagógicas. Os artigos incluídos foram publicados no período de 1993 a 2019 e o público estudado variou de acordo com o método de pesquisa utilizado pelos autores.

Organizamos os 23 estudos em sete categorias que emergiram durante a leitura dos trabalhos selecionados, sendo que, alguns se enquadram em mais de uma categoria. Foi gerada então a tabela um (1), que facilitou a nossa discussão, sendo construída de forma sequencial com as narrativas dos estudos, a saber: 1- estudos históricos de mídia e esportes de aventura; 2- polissemia do termo; 3- glorificação do risco; 4- mercantilização; 5- segmentação da mídia; 6- aspectos sociais; 7- estudos educacionais.

Tabela 1. Categorias para discussão

Categorias	Autores	Indicadores utilizados
Estudos históricos	LEVER; WHEELER, 1993; SEILER, 2014; MARCHI, 2017.	Levantaram dados históricos de mídia televisiva e esportes de aventura
Polissemia do termo	COHEN et. al., 2018; PUCHAN, 2005; RINEHART, 1998.	Analisaram a diversidade dos termos esporte de aventura falados ou não pela mídia
Aspectos sociais	KAY; LABERGE, 2002; FERREIRA, 2003; MARCHI, 2017; FERNANDES; GALVÃO, 2016.	Descrevem pontos de vista dos praticantes, com análise crítica contextos dos esportes de aventura e mídia
Segmentação da mídia	FRUCHART ET. AL., 2018; LEVER; WHEELER, 1993; MCDANIEL, 2003; PUCHAN, 2005; BETTI, 1997; BETTI, 1999.	Descrevem processos de segmentações esportivas em canais de televisão
Mercantilização	RINEHART, 1998; BANDEIRA, 2007; BETTI, 1997; ROCHA; PEREIRA, 2019.	Trazem dados do mercado dos esportes de aventura na mídia
Glorificação do risco	(MILLER; DEMOINY, 2008; MEI-DAN, 2018; FISCHER ET. AL., 2011a; FISCHER ET. AL., 2011b; FERNANDES; GALVÃO, 2016.	Contextualizam a glorificação do risco que a mídia realiza
Estudos educacionais	EUFLAUSINO, ET. AL., 2014; RIBEIRO; ANDRADE, 2014; FERREIRA, 2012; ZAIM-DE-MELO, 2010.	Abordaram aspectos na escola relativos à mídia e esportes de aventura

Fonte: próprios autores, 2020.

3 Discussão

Iremos agora ao diálogo com os achados dos levantamentos realizados. Cabendo ressaltar que, como toda revisão, a literatura cinzenta é um elemento que pode acabar impedindo abranger uma totalidade das produções científicas e acadêmicas sobre um tema, sendo assim, reconhecemos que podem ter ficado alguns estudos de fora, mas, foi realizado o máximo de esforço possível para alcançar a totalidade no intervalo de tempo aqui pesquisado (1990 até 2019). Podemos indicar como limitação a busca por descritores, porém, essa decisão foi focada na especificidade dos artigos, pois buscas abrangentes não tratavam especificamente do tema aqui abordado.

3.1 Estudos históricos

Com base nos estudos aqui levantados, verificamos que a relação entre esportes e mídia é de longa data, e, na sociedade norte americana existem relatos de transmissões esportivas a partir de 1850, quando o telégrafo era o responsável por esta cobertura. A revolução industrial ocorrida entre os séculos XVIII e XIX trouxe o lazer à tona, e com ele eventos esportivos de massa (LEVER; WHEELER, 1993; DUMAZEDIER, 1973).

Pesquisas no início do século XX já indicavam o poder do rádio e em 1939 começam as coberturas esportivas, a imagem e o som começavam a ser propagados juntos, e, a mídia televisiva começava seus investimentos no cenário esportivo. No Brasil em 1950 foi criada a primeira emissora, e, na década seguinte os esportes começaram a ser transmitidos ao vivo (LEVER; WHEELER, 1993; CAMPOS; COSTA, 2016).

Já nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil começaram mais efetivamente suas aparições na mídia televisiva, e, um dos primeiros relatos foi do campeonato carioca de surfe no início da década de 1970, o evento contou com patrocinadores, sendo possível inferir que o processo de marketing já se fazia presente. Já na década de 1980 o seriado “Armação ilimitada” na rede globo de televisão mostrava a prática de surfe, asa delta, mergulho, montanhismo, e outros esportes de aventura através dos personagens Juba e Lula (LEVER; WHEELER, 1993; MARCHI, 2017).

Nos jogos olímpicos, o Comitê Olímpico Internacional vendia os direitos de transmissão já na década de 1960. As performances dos atletas melhoraram com a evolução tecnológica, competições de esqui cross-country mostravam risco e ousadia para a mídia televisiva e seus telespectadores (SEILER, 2014).

3.2 Polissemia do termo

Associando as sensações, as emoções, aos riscos, a adrenalina, a um estilo de vida, a economia midiática, ao ir além do normal, o que prevalece na mídia é o termo esporte radical em detrimento dos outros (COHEN *et. al.*, 2018; PUCHAN, 2005; RINEHART, 1998).

Munhoz e Gonçalves Jr. (2004) ainda apontam que:

São muitas as nomenclaturas designadas a este tipo de atividade. A mais divulgada pela mídia é Esportes de Aventura, outros nomes comuns são: Esportes em Integração com a Natureza, Esportes Radicais, Esportes de Aventura na Natureza, Esportes Californianos, Esportes em Liberdade, Esportes Selvagens, Atividades Deslizantes de Aventura e Sensação na Natureza, Atividades Esportivas de Diversão e Turísticas de Aventura, Esportes Tecnológicos e Novos Esportes. Todas estas designações mostram alguma característica relacionada com as atividades desenvolvidas (MUNHOZ; GONÇALVES JR. (2004, p. 2).

Não aprofundando o debate em outra terminologia, mas concordando tanto com Munhoz e Gonçalves Jr. (2004) e Betti (2001) o termo esporte radical hoje é muito mais amplo do que já foi no passado, sua definição ligada à competição, resultados, desempenhos, quebra de records, foi superada, pois a polissemia deste termo ultrapassou o esporte espetáculo, competitivo e de rendimento.

3.3 Aspectos sociais

Sob o olhar dos praticantes alguns estudos apontam para a formação de hábitos mais saudáveis como praticar surfe, corrida de aventura e outros esportes porque trariam mais saúde. No estudo de Fernandes e Galvão (2016) é narrado o abandono de drogas para dedicação ao treinamento do Parkour, assim como o desenvolvimento de melhores técnicas de salvamento e resgate. Termos como resignificação, valorização da

cooperação em detrimento da competição, corporativismo, a busca do prazer, são frequentemente colocados pelos praticantes desses esportes, assim como, fuga do cotidiano, liberar-se do contexto urbano para alívio de pressões emocionais. Estas narrativas dos praticantes remetem a um contexto social (KAY; LABERGE, 2002; FERREIRA, 2003; MARCHI, 2017; FERNANDES; GALVÃO, 2016).

Podemos ter neste ponto um direcionamento em Bourdieu (1990), o qual relata que o sujeito pode incorporar uma cultura, sendo fruto do convívio social que o cerca. Esse sujeito, praticante, individual, acaba por construir um habitus para fazer parte de um grupo social e desenvolve ações de socialização no sentido de reordená-lo em busca do capital social. O habitus pode ser entendido como a ação que cada indivíduo realiza no mundo, estando ligadas as memórias e experiências corporais. Sendo assim, a formação social de indivíduos é criada a partir dos seus hábitos e costumes e estão ligados aos grupos sociais aos quais pertencem. Estas conexões sociais vão determinar como pensamos, como agimos no cotidiano, como sonhamos e como sentimos as coisas a nossa volta (BOURDIEU, 1990).

A mídia, detentora de todo um arcabouço cinematográfico, explora esse habitus em praticantes de corridas de aventura, por exemplo, como apontam Kay e Laberge (2002). Através da exposição de imagem e som somos conectados a esta forma de transferência de um novo habitus que traria benefícios à saúde do corpo e da mente e aproveitam para incorporar produtos e serviços ligados a estas práticas para comercializar direta ou indiretamente.

3.4 Segmentação da mídia

Nesta categoria se tornou visível um processo de cultura esportiva que a televisão aberta não suportava mais, e, nem mesmo os canais por assinatura especializados em esporte davam conta. Programas esportivos ocupavam a grade de programação diariamente, e o vasto leque de modalidades esportivas já não conseguia mais ser traduzida à população por meio do simbolismo social que os telespectadores criavam entorno do esporte. Neste meio se encontravam os esportes de aventura, que envolviam parte da programação diária dos programas esportivos. Sendo assim, se fez necessário segmentar o mercado televisivo, nele poderiam se encontrar produtos mais específicos, em que, os estímulos visuais traziam além dos esportes praticados, anúncios

de produtos e marcas esportivas (BETTI, 1997; BETTI, 1999; FRUCHART *et. al.*, 2018; LEVER; WHEELER, 1993; MCDANIEL, 2003; PUCHAN, 2005).

Betti (1999) ao analisar o canal Sportv: “houve predominância de programas dedicados aos “esportes radicais” (20,1%), [...] Seguiram-se as transmissões de partidas de futebol (18,2%), [...] Em terceiro lugar situa-se a transmissão de partidas de tênis (13,1)” (BETTI, 1999, p. 81). Esses dados mostram a força dos esportes de aventura, que mais tarde deram origem aos canais especializados, como os canais Woohoo surgido em 2006 e o Canal OFF em 2011 (MARCHI, 2017).

3.5 Mercantilização

Segundo Betti (1999, p. 81) “As propagandas de produtos e da própria programação do canal, totalizaram 15% das horas examinadas” em seu estudo sobre o canal Sportv, que já era uma segmentação de canal esportivo. Marcas de roupas, calçados, produtos alimentícios, bebidas esportivas, entre outros estavam presentes nos intervalos e dentro das programações esportivas. Essa relação traçada entre esportes, marketing e mídia faz parte do processo histórico da própria televisão como aponta Lever e Wheeler (1993).

Um dado significativo e que expressa uma linha tênue da mídia com os esportes de aventura e marketing são os X Games. Em 1995, a ESPN realizou os Jogos Extremos, que no ano seguinte mudou o nome para “*The X Games*”, o objetivo, segundo a diretora de marketing dos jogos era atrair a população jovem, conhecida a época como geração X. Nesta mudança estava incluso todo um pacote para continuar gerando lucro por trás dos jogos: continuidade do público em questão; identificação dos fãs com os atletas competidores; esfera contagiosa das pessoas que assistiam através de músicas, propagandas e estratégias de fidelização; modelagem para público jovem; além do estilo de vida. Em suma, o debate sobre toda essa estratégia fez com que alguns competidores se afastassem dos jogos, pois essa nova versão ia contra a alma de algumas modalidades, como o skate, por exemplo (RINEHART, 1998).

Todas essas mudanças ainda continuam nos dias atuais e Rocha e Pereira (2019), relatam o mesmo problema com o surfe e as piscinas artificiais, alguns atletas são contra e outros não veem problemas.

3.6 Glorificação do risco

Nas situações de exposição na mídia, os esportes de aventura frequentemente aparecem associados a filmes, desenhos ou jogos de videogames; em outros conteúdos que glorificam o risco como é possível verificar nos estudos de Fischer *et al* (2011b) que associaram corridas de carros ilegais nas ruas com fumo e bebidas. Em um levantamento médico Fischer *et al* (2011a) encontraram 4% das lesões associadas a imagens por imitação a mídia que glorifica os riscos.

As imagens transmitidas pela mídia estão presentes na vida contemporânea do homem ocidental, retratadas como uma memória aventureira, desde o sonho de voar, conquistar uma via escalada ou o topo de uma montanha à sedução das imagens que transmitem a figura de um sujeito heroico. Porém, é importante alertar que, para a realização destas atividades, é necessário conhecimento, treinamento e equipamento adequado (RECH; FONSECA, 2019; PEREIRA, 2019; GONÇALVES JUNIOR, 2006; COSTA, 2000; PORRETTI *et al*, 2020).

Remetendo a Rose (2011) e Elias e Dunning (1992) encontramos o homem que na sociedade moderna atual é responsável por suas ações e controle de suas emoções, em que a ambiguidade do risco nas situações dos esportes de aventura poderia ser controlada pelo conhecimento ou desconhecimento, que pode gerar uma coisa “boa” (concluir uma via de escalada) ou uma coisa “ruim” (não concluir a via, com uma queda gerando acidente ou desistir por limitação física e material).

A existência de tensões prazerosas em Elias e Dunning (1992) não mostram as tensões (que aqui chamamos de risco) de forma negativa, ligando o lazer e o esporte de aventura, “em vez de condenar as tensões como algo que prejudica, não se deveria antes explorar as necessidades que as pessoas revelam por uma dose de tensão, enfim, como um ingrediente normal em suas vidas?” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 143). Na busca por essa excitação causada pelos esportes de aventura, a mídia acha seu lugar colocando o risco como aliado, exercendo um papel importante no controle das emoções.

3.7 Estudos educacionais

Quatro estudos trazem os esportes de aventura apresentados pela mídia no contexto educacional, nos quais os estudantes relataram o primeiro contato com esta prática pela televisão, nos remetendo diretamente aos estudos da categoria acima. Somente após a realização prática os escolares começam a compreender seus sentidos, adquirindo valores e conceitos como respeitar o seu limite e do colega, autossuperação, respeito à natureza, entre outros (EUFLAUSINO *et al*, 2014; RIBEIRO; ANDRADE, 2014; FERREIRA, 2012; ZAIM-DE-MELO, 2010).

Nesta categoria reunimos os estudos que retrataram pesquisas realizadas com crianças e adolescentes em escolas e uma em ginásio de escalada, que eram feitas associações aos esportes de aventura e a mídia, e, todas as pesquisas aqui retratadas estavam nos anais do CBAA. No contexto local, escolar, de não praticantes ficou evidente o poder da mídia no imaginário dos pesquisados. Neste contexto, a estrutura transmitida pela mídia nos remete a Habermas (1988), que diz que o sujeito falante vai ao encontro do ouvinte, a cultura que orienta a ação é disseminada pela linguística coerente com a sensação do imaginário observado nas imagens que remetem a reconhecer perceptivamente algo sem nem mesmo ter o legitimado.

Considerações finais

Conhecer a contextualização teórica e prática da mídia televisiva e dos esportes de aventura nos diferentes contextos sociais, culturais e políticos nos permitiu inferir o caminho até aqui percorrido.

Respondendo aos nossos questionamentos iniciais foi possível observar que os esportes de aventura realmente receberam influências da mídia em sua prática, sobretudo nos eventos competitivos, indicando um acirramento entre os praticantes e o “poder” da mídia. É inegável a evolução tecnológica que alcançamos nos últimos 30 anos, porém, o marketing e as propagandas vieram associados, entrelaçados com o uso das emoções e do imaginário do telespectador.

Ao elencarmos sete categorias de análise distribuimos o conhecimento até aqui produzido pela mídia televisiva e os esportes de aventura e percebemos que suas

relações veem sendo bem próximas nos últimos anos, o que responde ao nosso segundo questionamento. Podemos visualizar essa trajetória desde a narrativa de Betti (1997), passando pelas crescentes aparições dos esportes de aventura na mídia, pelos estudos históricos levantados na discussão deste trabalho, até a obrigatoriedade das Práticas Corporais de Aventura na BNCC dentro do contexto escolar na atualidade.

Não queremos aqui afirmar que elas são únicas ou verdades absolutas, mas emergiram durante a análise dos estudos, podendo, ser contestadas e somadas com a realização de novos trabalhos de pesquisa. Podemos observar também um novo caminho que começou a ser traçado com o surgimento de disciplinas na graduação em educação física voltadas para a prática dos esportes de aventura, mas, ainda existem grandes desafios para serem construídos com os esportes de aventura.

Referências

BANDEIRA, M. M. Natureza e aventura: a mídia e seus mitos. **Anais do II Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura**. Governador Valadares: M.G., p. 77-81. 2007.

BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. 1997. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997.

BETTI, M. Esporte, televisão e espetáculo: o caso da Tv a cabo. **Conexões**, Campinas, v. 1, n. 3, p. 74-91, 1999.

BETTI, M. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. *In*: CARVALHO, Y. M. RUBIO, K. (Org.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.155-169.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria da Educação Básica. 2018.

BRUHNS, H. T. **A busca pela natureza**: turismo de aventura. Barueri, SP: Manole, 2009.

CAMPOS, H. R.; COSTA, M. R. **Identidade**: reconhecendo alguns significados e territórios. Juiz de Fora: Editar, 2016.

COHEN, R.; BALUCH, B.; DUFFY, L. **Defining Extreme Sport**: Conceptions and Misconceptions. Perspective: Suíça, 2018.

COSTA, V. **Esportes de aventura e risco na montanha**: um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole, 2000.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

EUFLAUSINO, J. M. *et al.* Inclusão das atividades de aventura dentro do contexto escolar em uma escola da rede pública de Maringá: um relato de experiência. **Anais do VIII CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/ II CIAA – Congresso Internacional de Atividades de Aventura: “Dimensões, Avanços e Legados”**. Vila Velha: ES, Brasil, 2014.

FERNANDES, A; GALVÃO, L. S. Parkour e valores morais: ser forte para ser útil. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 226-240, 2016.

FERREIRA, T. Atividades de aventura disseminadas pela mídia para escolares dos anos iniciais do ensino fundamental no município de Cuiabá – MT. **Anais do VII CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/ I CIAA – Congresso Internacional de Atividades de Aventura: “Tecnologias e Atividades de Aventura”** Rio Claro: SP, 2012.

FERREIRA, L. F. **Corridas de aventura**: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza. 2003. 161 f. (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

FISCHER, P. *et al.* Risk-Taking and the Media. **Risk Analysis**, v. 31, n. 5, 2011a.

FISCHER, P. *et al.* The Effects of Risk-Glorifying Media Exposure on Risk-Positive Cognitions, Emotions, and Behaviors: A Meta-Analytic Review. **Psychological**, v. 137, n. 3, 367-390, 2011b.

FRUCHART, E.; RULENCE-PÂQUES, P.; MULLET, E. Watching high-risk sports on television: the reversal theory’s concept of protective frame. **Sport in Society**, 2018.

GALVÃO, C. M.; SAWADA, N.O.; TREVIZAN, M. A. Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 3, p.549-56, 2004.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**, v. 20, n. 1, p. 395-411, 2014.

GONÇALVES JUNIOR, L. Prefácio. *In.*: SCHWARTZ, G. **Aventuras na natureza**: consolidando significados. Jundiaí/SP: Fontoura, 2006, p. 13-14.

HABERMAS, J. **Teoria de la Acción Comunicativa**. Madrid: Taurus, 1988.

KAY, J.; LABERGE, S. The ‘New’ Corporate Habitus in Adventure Racing. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 37, n. 1, p. 17-36, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. D. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LEVER, J. WHEELER, S. Mass Media and the Experience of Sport. **SAGE Social Science Collections**, v. 20, n. 1, p. 125-143, 1993.

LI, Q. *et al.* Acute effects of walking in forest environments on cardiovascular and metabolic parameters. **European Journal of Applied Physiology**, v. 111, n. 11, p. 2845-53, 2011.

MARCHI, K. B. **Do surf ao Tow-in: do processo civilizador à sociedade de risco**. 2017. 175 f. Tese (Doutorado em Educação Física) –Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

MCDANIEL, S. R. Reconsidering the Relationship Between Sensation Seeking and Audience Preferences for viewing Televised Sports. **Journal of Sport Management**, v. 17, p. 13-36, 2003.

MEI-DAN, O. Children and extreme sports: a parent’s perspective. **Research in Sports Medicine**, v. 26, n. 1, p. 1-4, 2018.

MILLER, J. R.; DEMOINY, S. G. Parkour: A New Extreme Sport and a Case Study. **The journal of foot & ankle surgery**, v. 47, n. 1, 2008.

MOHER, D. *et al.* Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. **Annals of Internal Medicine**, v. 151, n. 4, p. 264–269, 2009.

MUNHOZ, J.; GONÇALVES JUNIOR, L. Atividades físicas de aventura na natureza: trajetória na região de São Carlos. *In.*: **III Congresso Científico Latino-Americano UNIMEP/FIEP**, 2004. Anais do III Congresso Científico Latino-Americano UNIMEP/FIEP. Piracicaba: UNIMEP/FIEP, 2004.

MUROS, J. J. *et al.* The association between healthy lifestyle behaviors and health-related quality of life among adolescents. **Jornal de Pediatria**, v. 93, n. 4, p. 406-412, 2017.

NUTTALL, C. **Teaching reading skills in a foreign language**. London: Heinemann International, 1982.

PEREIRA, D. W. **Pedagogia da aventura na escola: Proposições para a base nacional comum curricular**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2019.

PORRETTI, M. F.; PESSOA, F. A.; ASSIS, M. R. Montanhismo: um relato de experiência da interdisciplinaridade entre educação física e geografia. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 1, 2020.

PUCHAN, H. Living “extreme”: Adventure sports, media and commercialization. **Journal of Communication Management**, v. 9, n. 2, p. 171–178, 2005.

RECH, R.; FONSECA, G. (Org.). **Educação física escolar**: propostas pedagógicas para a educação básica. Caxias do Sul, RS: São Miguel, 2019.

RIBEIRO, N. W.; ANDRADE, F. Imaginário social de jovens escolares sobre os esportes de aventura. **Anais do VIII CBAA – Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura/ II CIAA – Congresso Internacional de Atividades de Aventura**: “Dimensões, Avanços e Legados” Vila Velha: ES, Brasil, 2014.

RINEHART, R. Inside of the Outside: pecking orders within alternative Sport at ESPN’s 1995 “The eXtreme Games”. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 22, n. 398, 1998.

ROCHA, J. C.; PEREIRA, R. S. Do mar para a piscina: a cobertura midiática do primeiro evento do campeonato mundial de surfe em ondas artificiais. **Anais do XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte “O que pode o corpo no contexto atual?”**, Natal: RN, Brasil, 2019.

ROSE, N. **Inventando nossos selfs**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANTOS, A. L. P.; SIMÕES, A. C. Educação Física e Qualidade de Vida: reflexões e perspectivas. **Saúde e Sociedade**, v. 21, n. 1, p.181-192, 2012.

SEILER, S. Same Citius, Altius, Fortius... More Women, Crashes, and McTwists? **International Journal of Sports Physiology and Performance**, v. 9, p. 122 -127, 2014.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

ZAIM-DE-MELO, R.; COSTA SOARES, Í. Atividades físicas de aventura na natureza na escola na cidade de Bonito, MS: um estudo de caso. **Anais do V Congresso Brasileiro de Atividades físicas de Aventura, “Entre o Urbano e a Natureza: A inclusão na aventura”**. São Bernardo do Campo, SP, Brasil, 2010.